

PATRICIA FASUOLO SERFATY

Violência Patriarcal

na interface entre Psicanálise e Bioética

COLEÇÃO
Berggasse
19


INM Editora

PATRICIA FASUOLO SERFATY

Violência Patriarcal

na interface entre Psicanálise e Bioética



COLEÇÃO
Berggasse
19


INM Editora

VIOLÊNCIA PATRIARCAL
na interface entre Psicanálise e Bioética

PATRICIA FASUOLO SERFATY



INM Editora

Copyright © 2026 Patricia Fasuolo Serfaty
Copyright © 2026 INM Editora

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes

Revisão Gramatical: Sandra Schamas

Revisão Técnica e Preparação do Texto: Sergio Gomes

Capa e Diagramação: Larissa Aiko Tanahara

Imagem de Capa: A Execução de Lady Jane Grey (1833), de Paul Delaroche. Obra em domínio público. Fonte: Wikimedia Commons

Créditos da Foto da Autora: [®] Ismar Ingber

Marketing: Diego Robassini

Gerente Comercial: Anderson Pedrosa

Gerente Administrativo: Camila Cardozo

Estagiário: Ryan Aranha

Coleção Bergasse 19 - Estudos Psicanalíticos

Diretor Científico: Sergio Gomes

Consultores: Cristiana Pondé, Daniel Kupperman, Daniel Schor, Elisa Maria de Ulhoa Cintra, Eugênio Canesin Dal Molin, Fátima Flórido, Gustavo Dean-Gomes, Lucas Charafeddine Bulamah, Neyza Prochet, Renata Udler Cromberg e Thais Klein.

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

INM Editora

Avenida Paulista, 326 - Sala 41 - Bela Vista

São Paulo-SP - CEP: 01307-002, Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

Instagram: @inmeditora

Facebook: /inmeditora



APRESENTAÇÃO À COLEÇÃO BERGGASSE 19

Em *Escritores Criativos e Devaneios*, Freud nos fala de como determinados escritores conseguem despertar em nós emoções a partir da sua imaginação, referindo-se que esta capacidade imaginativa originalmente já está presente desde a infância, com seus jogos e brincadeiras. Corroborando esse pensamento, o pediatra e psicanalista inglês Donald W. Winnicott, sempre defendeu a ideia da criatividade e do brincar como sinônimo de saúde mental ou psíquica, motivo este que faz a vida valer a pena ser vivida.

A *Coleção Berggasse 19* tem como objetivo apresentar ao leitor uma ampla variedade de trabalhos criativos em torno do pensamento de Sigmund Freud, mas também de autores contemporâneos da psicanálise, atualizando o pensamento, a metapsicologia e a clínica psicanalítica.

Nesse sentido, assim como Freud veio a ganhar, em 1930, o prestigioso Prêmio Goethe na cidade de Frankfurt, pelo conjunto da sua obra, achamos que nada mais justo do que indicar o seu endereço original para dar nome a esta coleção, que se renova a cada ano, trazendo uma ampla gama de autores e temas variados.

Os trabalhos publicados são oriundos de dissertações de mestrado ou teses de doutorado, mas também são originários de ensaios clínicos e teóricos, de eventos temáticos ou traduções de autores e textos seminais. Interessam não só a leitores curiosos com a teoria e a clínica psicanalítica, mas também a acadêmicos, pesquisadores, psicanalistas e estudantes de psicanálise com os seus mais diversos interesses.

Sergio Gomes
Diretor Científico da Coleção Berggasse 19

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos Lua e Nathan pela história que tecemos e por estarmos juntos na travessia da vida.

A André Martins pela parceria acadêmica, afinidade teórica, disponibilidade e provimento de um ambiente acolhedor e confiável favorecendo a criatividade e produção do conhecimento.

Ao Pedro Henrique Bernardes Rondon pela dedicação e primorosa revisão;

À CAPES, pelo apoio financeiro à pesquisa de doutorado da qual deriva o presente trabalho.

Ao Programa de Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva da UFRJ por ter acolhido minha pesquisa e proporcionado aprimoramento acadêmico através de um olhar ampliado voltado às múltiplas realidades sociais na área de saúde e a aquisição de valiosas amizades.

Fé para quem é forte
Fé pra quem é foda
Fé pra quem não foge à luta
Fé pra quem não perde o foco
Fé pra enfrentar esses filha da puta

Iza

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO	15
 1. AS PEDAGOGIAS DO PATRIARCADO	19
<i>O núcleo perverso da masculinidade hegemônica</i>	20
<i>Garotos de bem: uma ilustração</i>	26
<i>A dominação e subjugação dos corpos femininos</i>	30
<i>como linguagem erótica</i>	
<i>A primeira mulher: a erotização feminina como anátema</i>	36
<i>A segunda mulher: Eva como ideal de feminino</i>	39
<i>exaltado pelo patriarcado</i>	
<i>O cativo da cultura</i>	46
<i>Pedagogias do patriarcado</i>	51
<i>O crime de Onã</i>	53
 2. CIBERPATRIARCADO	59
<i>O paradigma tecnológico</i>	59
<i>O “Erotismo de Possuir” como Conceito</i>	70
<i>Central da Sexualidade Masculina</i>	
<i>Adição à pornografia e cyberpedofilia</i>	72
<i>Crimes exercidos mediante apropriação dos</i>	77
<i>corpos das mulheres</i>	
<i>Pornografia e supremacia masculina</i>	79

<i>A Violência e Seus Impactos na Saúde</i>	82
3. UM BERÇÁRIO DE PRISIONEIRAS	90
<i>Machismo como violação dos direitos humanos</i>	94
<i>O neomachismo: uma reconfiguração do patriarcado</i>	103
<i>A transexistência</i>	107
<i>O sonho: um prenúncio de cura</i>	109
<i>Análise do sonho</i>	110
<i>Nossas feministas Quizombeiras</i>	112
<i>Violência de Gênero, Interseccionalidade e</i>	116
<i>Psicanálise: Reflexões pelas lentes das autoras negras</i>	
<i>Transfeminismos</i>	124
4. RUMO À JUSTIÇA DE GÊNERO	129
<i>Masculinidades feministas</i>	130
<i>Repudiar a masculinidade adoecedora:</i>	138
<i>John Stoltenberg</i>	
<i>Opressão e subjetividade: aproximações entre</i>	142
<i>Iris Marion Young e Donald Winnicott</i>	
<i>Masculinidade e o imperativo da</i>	147
<i>responsabilidade política</i>	
<i>Jablonka e os homens justos</i>	154
<i>Como Ivan Jablonka define um homem justo?</i>	157
ALÉM DESSAS PÁGINAS	159
REFERÊNCIAS	162

PREFÁCIO

Desde que me perguntei sobre a origem do mal no mundo, jamais me permiti parar de buscar respostas. Minha investigação tornou-se, para além da pesquisa acadêmica, uma busca pessoal e construção de sentido. Me inquieto sem ainda compreender completamente em que momento o mal se torna um prazer para aquele que o exerce. Algumas vezes inoculado mediante vivências devastadoras que permeiam ambientes ruins, e em outras, pela má sorte de deparar-se com pessoas ou grupos deletérios que transformam a experiência do viver em um caos interno irreversível. Muitas são as formas através das quais o mal se manifesta, a mais letal talvez, a meu ver, seja aquela em que a maldade se transforma em um modo de funcionamento invisibilizado.

Raramente conhecemos alguém que socialmente se autodeclare reconhecidamente mau, a malignidade é percebida como algo que está fora, no outro. O que em nós possa ser questionado como mau comportamento, fala ou pensamento é sempre justificável aos próprios olhos como reações às provocações de outros, falhas momentâneas que não correspondem ao que se é. No entanto, do que o ser humano pode tornar-se capaz em situações extremas de pressão, e principalmente, quando é sabedor de que a impunidade está garantida, expõe exatamente o que se é. Não defendo uma natureza maligna originária, tampouco reconheço uma tendência humana inescapável à destruição. O que julgo ser

o disparador do mal como algo que se dissemina e se instala sem resistência é o desejo por ausência de responsabilidade, a tendência ao prazer na impunidade e o desprezo ao que é vulnerável.

A fantasia de invulnerabilidade da masculinidade hegemônica e a construção de alianças que garantam uma existência ancorada na supremacia mediante propagação de crenças que salvaguardem a posição perpétua de dominação, independentemente da construção ética social, normalizam a indiferença às consequências para a sociedade humana e destroem qualquer possibilidade de construção de uma vida boa. Escrevo tanto sobre o que preciso dizer quanto sobre a urgência que sinto em propor uma nova ética utilizando como ferramenta teórica a justiça de gênero. Reconheço que a ética do cuidado e a justiça devem andar juntas, mas entendo a justiça como a espinha dorsal que alicerça a proposta de uma nova configuração de sociedade. Considero que quando existe justiça e o mal pode ser contido, abrimos espaço para que o cuidado ganhe força.

A psicanálise na interface com a bioética, constitui-se como campo híbrido de produção de saber, eticamente comprometido com uma psicanálise de denúncia que se alia à bioética crítica na defesa dos direitos humanos e na afirmação da autonomia feminina no âmbito dos direitos sexuais e reprodutivos.

Patricia Serfaty
Rio de Janeiro, Brasil
Maio 2026

Violência Patriarcal: na interface entre Psicanálise e Bioética, de Patricia Serfaty mergulha nas raízes profundas da dominação masculina para revelar como o machismo não é apenas um comportamento isolado, mas um projeto cultural contínuo que molda o psiquismo humano. Através de uma “psicanálise de denúncia” articulada à bioética crítica, a obra conecta o sofrimento individual às falhas éticas do ambiente social, tratando a violência de gênero como uma urgência de saúde pública e justiça social. A autora investiga as chamadas “pedagogias do patriarcado”, examinando desde mitos bíblicos que introjetam a submissão feminina até a construção social de um núcleo perverso na masculinidade hegemônica. O livro lança luz sobre a violência velada praticada por supostos “homens de bem” — indivíduos integrados à sociedade que utilizam o controle, a indiferença e a manipulação para desvitalizar seus objetos de relação e manter privilégios. Temas como ciberpatriarcado, manosfera e pornografia surgem como conceitos de análise para compreender o abuso digital e o ódio às mulheres, em sua condição de “prisioneiras da cultura”. A autora ainda articula vozes do feminismo negro e do transfeminismo revelando as múltiplas modalidades de violência e as potentes formas de “transexistência” que emergem como resistência em corpos femininos e identidades contra-hegemônicas. Trata-se, em última análise, de uma convocação para reafirmar a psicanálise como ferramenta de ação no mundo e consolidar seu engajamento ético-político diante dos desafios de nosso tempo, oferecendo meios para pensar o enfrentamento da violência de gênero, unindo profundidade teórica a um firme posicionamento ético.

